

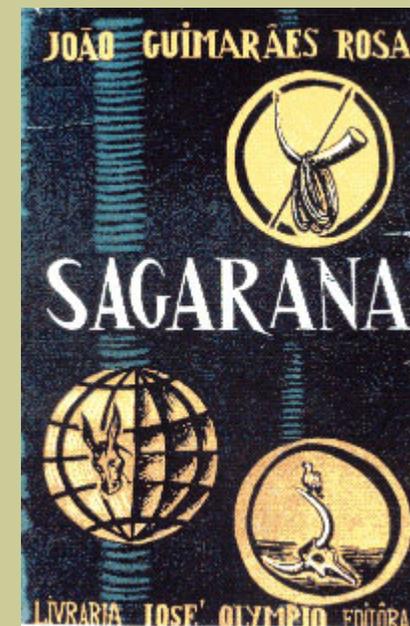
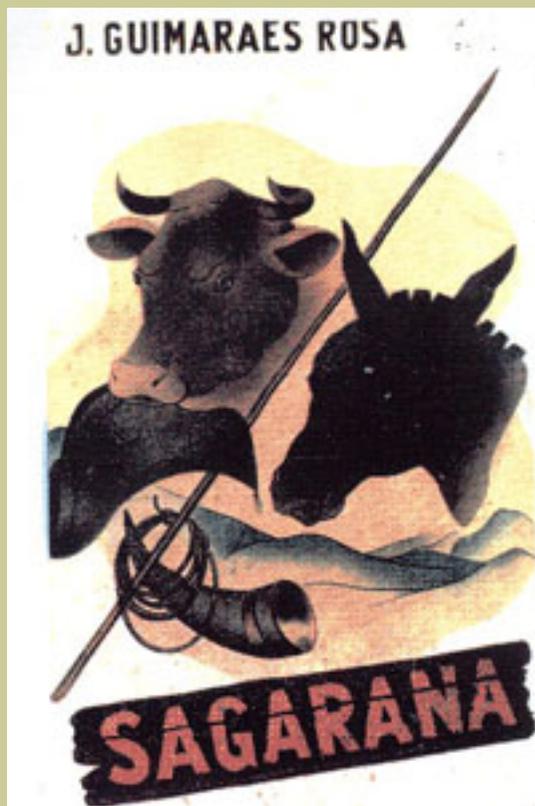
[Sagarana – João Guimarães Rosa (1946)]



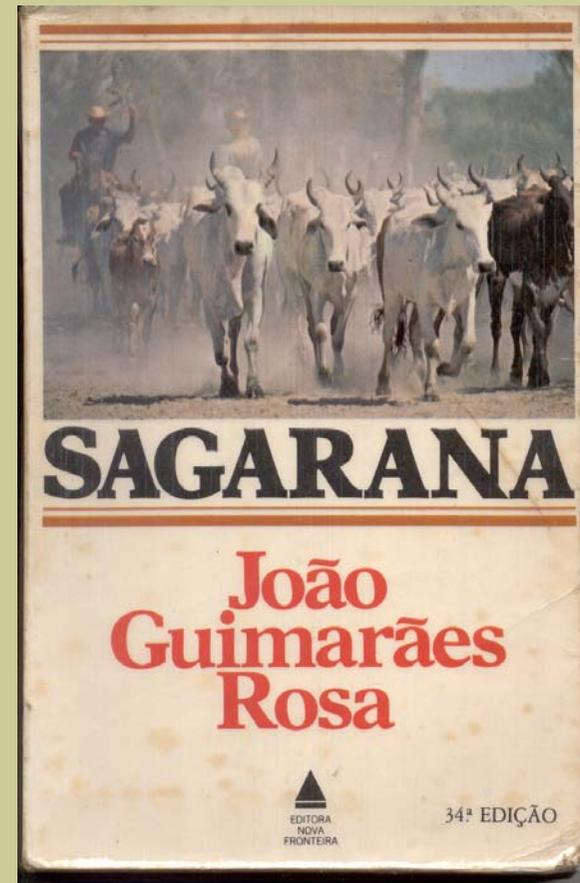
SAGA + RANA=
cidade mineira;
à moda de,
à maneira de lenda:
espaço mítico ou real?



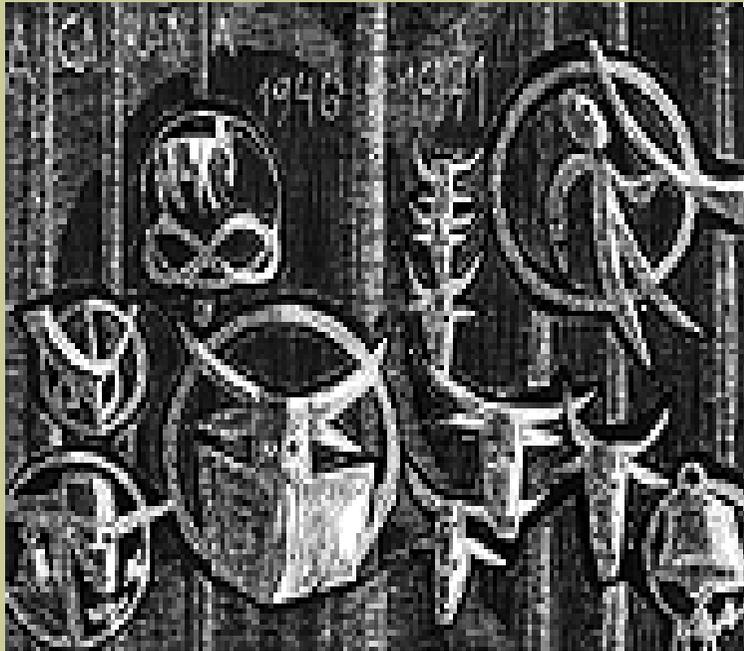
[Edições diversas]



[Edições diversas (cont.)]



Ilustrações de Poty para Sagarana



[As nove novelas (ou contos ou “causos”) são:]

- 1- O Burrinho Pedrês
- 2- A Volta do Marido Pródigo
- 3- Sarapalha
- 4- Duelo
- 5- Minha Gente
- 6- São Marcos
- 7- Corpo Fechado
- 8- Conversa de Bois
- 9- A Hora e a Vez de Augusto Matraga

Galeria: datilomanuscritos

185

esses desesperos? (a-bom que vive a maior) ^{constantemente entre para o um}
- ^{desespero} ^{tristeza} ^{amor}
- ^{quantidade} ^{saúde} ^{esperança}... Mas, a brasinha de tudo, é só o mesmo
carvão só. Invenção minha, que tiro por tino. Ah, o que eu prezava ter
era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas maté-
rias...

Daf, eu caçava jeito de me espaiar, ^{juntos} com to-
dos. Conversas com o Catócho, com Jôe Bexiguento, com o Vove, com o
Feijó — de mais sisudez — ou com ^{umbelino} ^{umbelino} o de cara de gato. Se
ria, fora de apereito de combate muito se vadiava. Assim-assei, naquela
influição. ^{então} Vinha ordem, a gente se reunia em bando grande, depois tor-
nava a em grupozinhos se apartar. A guerra era ^{a guerra} E ali dava de
^{se sentir o faltoso e o imperfeito}
quantidade maior. ^{como} O São Francisco não é (sempre turvo)? E o
que se falava mais era em mulher? Isso fazia muito falta. Cada queria
dela, ^{no que} só pensava, ^{as} mocinhas de se provar, ou rua alegre cheia de
^{o que} ^{o bom} ^{esse que dizia: que,}
por não ter mulher ali, ^{se tinha de muito lembrar}

UNIR

Ele era de um lugar para trás das ca-
choeiras, do Rio Sirubim, Valia como companheiro.
que que pequeno, era bom. Lembrava: — "Já tive uma mulher ami-
gável só minha, ^{Essas comérias} na Rua-do-Alecrim, em São Romão, e outra,
mais, ^{Essas comérias} na Rua-do-Pogo..." com o calor. Calor em que
côo pendura a língua, o senhor sabe. Já viu, por aí? Em Januária ou
São Francisco, tinha estação de tempo em que não se podia deixar um ôvo
guardado: com umas duas ou três horas, já se estragava. Todas cantavam
estórias de reparigas que tinham ^{Essas senvergongagens.} Essas senvergongagens. Mas,
de noite — é de crer? — a gente sabia dos que queriam qualquer reles
^{de noite} ^{consócio}

UNIR

E eram brabos ^{guerreiros, sarados} que nunca ^{Coisas.} Coisas.
Canta que cantavam, de dia, nenhum sabia pé-de-verso direito, ou não
queriam ensinar, era só aquela invenção, ^{Nam} e cantando fanhos no
nariz. Ou ficavam dizendo graças e ditérios, ^{feito meninos}
^{Por isso} sem-que-fazer, a gente ainda ^{comi} ^{mais} quase por divertimento. ^{que}
^{Os uns} iam torar palmito, colher mandioca em mandiocalzinho sem dono, dono tina
fugido longe. Gostei de favas do mato, muito murici, quixaba e jaca. O
Fonfrêdo tinha um ^{bilboque} a gente brincava de jogar. Tudo jogado a

BILBOQUE

185

esses desesperos? (a-bom que vive a maior) ^{constantemente entre para o um}
- ^{desespero} ^{tristeza} ^{amor}
- ^{quantidade} ^{saúde} ^{esperança}... Mas, a brasinha de tudo, é só o mesmo
carvão só. Invenção minha, que tiro por tino. Ah, o que eu prezava ter
era essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas maté-
rias...

Daf, eu caçava jeito de me espaiar, ^{juntos} com to-
dos. Conversas com o Catócho, com Jôe Bexiguento, com o Vove, com o
Feijó — de mais sisudez — ou com ^{umbelino} ^{umbelino} o de cara de gato. Se
ria, fora de apereito de combate muito se vadiava. Assim-assei, naquela
influição. ^{então} Vinha ordem, a gente se reunia em bando grande, depois tor-
nava a em grupozinhos se apartar. A guerra era ^{a guerra} E ali dava de
^{se sentir o faltoso e o imperfeito}
quantidade maior. ^{como} O São Francisco não é (sempre turvo)? E o
que se falava mais era em mulher? Isso fazia muito falta. Cada queria
dela, ^{no que} só pensava, ^{as} mocinhas de se provar, ou rua alegre cheia de
^{o que} ^{o bom} ^{esse que dizia: que,}
por não ter mulher ali, ^{se tinha de muito lembrar}

UNIR

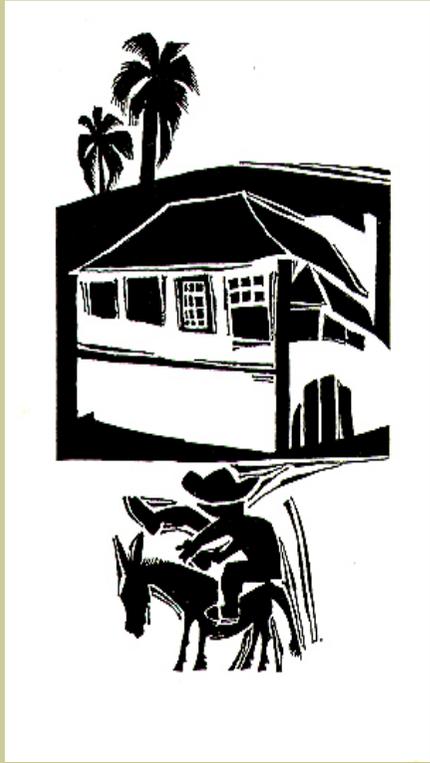
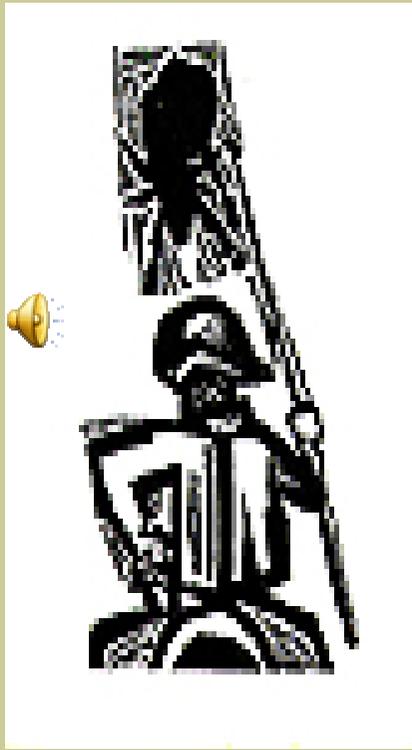
Ele era de um lugar para trás das ca-
choeiras, do Rio Sirubim, Valia como companheiro.
que que pequeno, era bom. Lembrava: — "Já tive uma mulher ami-
gável só minha, ^{Essas comérias} na Rua-do-Alecrim, em São Romão, e outra,
mais, ^{Essas comérias} na Rua-do-Pogo..." com o calor. Calor em que
côo pendura a língua, o senhor sabe. Já viu, por aí? Em Januária ou
São Francisco, tinha estação de tempo em que não se podia deixar um ôvo
guardado: com umas duas ou três horas, já se estragava. Todas cantavam
estórias de reparigas que tinham ^{Essas senvergongagens.} Essas senvergongagens. Mas,
de noite — é de crer? — a gente sabia dos que queriam qualquer reles
^{de noite} ^{consócio}

UNIR

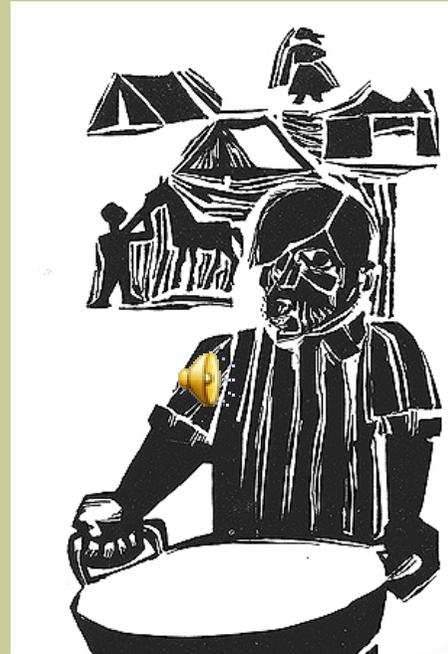
E eram brabos ^{guerreiros, sarados} que nunca ^{Coisas.} Coisas.
Canta que cantavam, de dia, nenhum sabia pé-de-verso direito, ou não
queriam ensinar, era só aquela invenção, ^{Nam} e cantando fanhos no
nariz. Ou ficavam dizendo graças e ditérios, ^{feito meninos}
^{Por isso} sem-que-fazer, a gente ainda ^{comi} ^{mais} quase por divertimento. ^{que}
^{Os uns} iam torar palmito, colher mandioca em mandiocalzinho sem dono, dono tina
fugido longe. Gostei de favas do mato, muito murici, quixaba e jaca. O
Fonfrêdo tinha um ^{bilboque} a gente brincava de jogar. Tudo jogado a

BILBOQUE

[Galeria: ilustrações / fotografias]



[Galeria: ilustrações / fotografias]



[Quanto aos narradores]

- **Contos narrados em terceira pessoa(narrador-observador e onisciente):**O Burrinho Pedrês,A Volta do Marido Pródigo,Sarapalha, Duelo,Conversa de Bois, A Hora e a Vez de Augusto Matraga
- **Contos narrados em primeira pessoa(narrador-personagem):**Minha Gente, São Marcos,Corpo Fechado

Marca do processo narrativo dos contos de Sagarana

- Uso do discurso indireto livre: consiste na mistura da fala do narrador com o pensamento do personagem. O narrador tem completa adesão pelo personagem.
- Exemplo:
- “Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enquadrar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-aá! Chu-aá...ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa(...)”

[Tema constante:

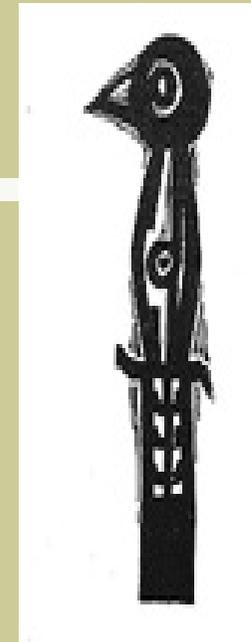


- A travessia, a viagem, a busca, a descoberta, o desejo de mudança interior, encontros e desencontros revestidos de uma certa “aura mágica”, sendo que o sertão é o centro irradiador de todas as narrativas. Temos reflexões de natureza filosófica, o que nos leva a comprovar o caráter universalista dos textos.

[Personagens]

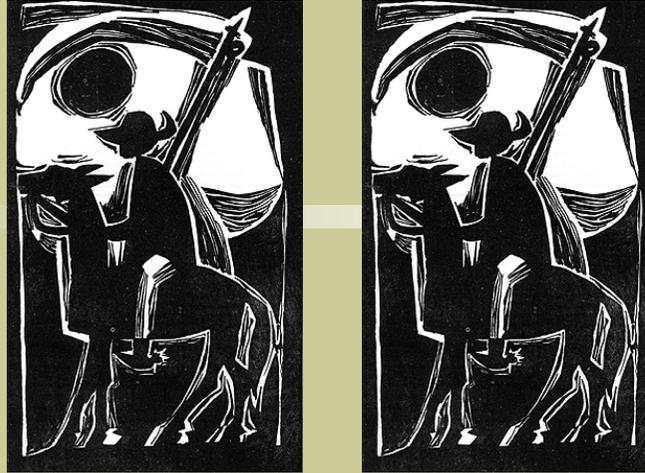
- São, de modo geral, seres em travessia: bichos, crianças, homens rudes e simples, vaqueiros, peões, valentões.
- São “ seres em disponibilidade”, propensos ao sonho, ao devaneio e à aventura e ao aprendizado da vida.

[Espaço



- Sertão mineiro: o sertão das “Gerais”(Minas Gerais), arraiais, povoados, vilas distantes, esquecidas de tudo e de todos

[Tempo



- Tempos não medidos pelo relógio, mistura de passado/presente, tornando-se narrativas encantadas (fábulas)

[Linguagem]

- A linguagem de Guimarães Rosa tem um grande intuito: retratar a oralidade do sertanejo mineiro. Para cumprir seu propósito, ele reinventa a linguagem, criando neologismos, trabalhando recursos poéticos (aliteração, onomatopéias, etc), utiliza provérbios, enfim, cria um novo mundo de linguagem.

Exemplos de inovações lingüísticas

- Inovações fonológicas(som)
- Ex: “**B**oi **b**em **b**ravo, **b**ate **b**aixo, **b**ota **b**aba, **b**oi **b**errando...”
(Temos aliteração e onomatopéia)
- Inovações morfológicas (construção de palavras)
- Ex:
amormeuzinho, no mopadrofilhospritos santaméin, desfeliz, etc

[Temos ainda:]

- **Inovações sintáticas**, que dizem respeito ao arranjo das palavras nas frases e períodos
- **Inovações semânticas**, que se referem ao significado das palavras

Presença de [arcaísmos(palavras que caíram em desuso)]

- Exemplos: em riba(em cima), de banda (de lado), a lembrar, arresolver, alumiar

[1- O Burrinho Pedrês]

- Personagens: Sete de Ouros(o burrinho), Major Saulo(dono do burrinho), João Manico, Francolim e Badu(peões)
- Síntese: os peões 📢 o Sete de Ouros têm a missão de levar mais de 400 bois para um arraial vizinho.Na volta, na cheia do rio, Sete de Ouros salva Badu e Francolim
- Interpretação:a sabedoria do burrinho faz com que ele consiga atravessar o rio e fazer o bem, salvando 2 peões

[2-A Volta do Marido Pródigo]

- Personagens: Lalino Salãthiel (mulato esperto que quer conhecer novos lugares e novas pessoas), Seu Ramiro (patrão de Lalino) empresta-lhe dinheiro para conhecer o Rio de Janeiro), Maria Rita (esposa de Lalino), Oscar (simpatiza com Lalino, é uma espécie de amigo)

[(continuação de A Volta do Marido Pródigo)]

- Síntese: Lalino é um mulatinho esperto que tem sede de aventura. Empréstimo dinheiro do patrão, seu Ramiro, para ir se aventurar no Rio, abandonando a esposa Maria Rita. Entra numa grande farra no Rio, cansa-se e resolve voltar. Encontra a esposa vivendo com seu Ramiro e decide que irá reconquistá-la, cumprindo a promessa.

[(continuação de A Volta do Marido Pródigo)]

- Interpretação: Lalino é um personagem que dialoga com Leonardinho e Macunaíma. Todos são anti-heróis. Através de suas estratégias e com ajuda do destino reconquista Maria Rita. É um exemplo de heroísmo às avessas.
- (Intertextualidade com Memórias de um Sargento de Milícias e Macunaíma)

[3.Sarapalha]

- Personagens: primo Ribeiro e primo Argemiro, ambos estão doentes. Sofrem de maleita, Luísa (moça da estória)

[(continuação de Sarapalha)]

- Síntese: Primo Ribeiro e primo Argemiro sofrem com as febres da doença. Nos seus delírios, começam a recordar uma estória triste: Luísa, esposa de Ribeiro, abandonou-o, fugindo com um boiadeiro. Argemiro se emociona e confessa a Ribeiro que também era apaixonado por Luísa, mas sempre a respeitou. Ribeiro não se conforma com a confissão e expulsa Argemiro da fazenda. Ribeiro morre e Argemiro vai embora, ardendo em febre, acompanhado de um cachorro e com as lembranças de Luisinha.

[Sarapalha]

- Interpretação: o ritmo da narrativa é extremamente lento, temos a nítida sensação de isolamento. No confronto passado/presente, Ribeiro acha que Argemiro é o demo e o manda embora. Argemiro, que fora sincero, acha que seria compreendido por Ribeiro e acaba sendo punido por falar a verdade.

[4. Duelo]

- Personagens: Turíbio Todo (vaqueiro de profissão, é considerado um “homem mau”), Cassiano Gomes (ex-oficial da Força Pública e amante da esposa de Turíbio), esposa de Turíbio

[(continuação de Duelo)]

- Síntese: Turíbio Todo é conhecido como um homem violento e vingativo. Descobre que a esposa, dona Silivana, o estava traindo com Cassiano Gomes, mas finge não saber de nada e elabora um plano de vingança. Numa emboscada, Turíbio mata o irmão de Cassiano que nada tinha a ver com a vingança. Agora, quem quer se vingar é Cassiano.

[(continuação de Duelo)]

- (continuação da síntese)
- Turíbio e Cassiano duelam durante meses e acabam desistindo. Cassiano resolve visitar o lugar onde nascera e pressentia sua própria morte para logo. Não consegue chegar e recebe, na viagem, a ajuda de Timpim Vinte-e-Um, para quem conta toda a estória. Cassiano morre.
- Turíbio acha que tudo estava resolvido quando, para seu espanto, Timpim vem honrar a vingança de Cassiano e mata Turíbio.

[(continuação de Duelo)]

- Interpretação: A mensagem é a inversão de papéis, ou seja, Cassiano, de perseguido, passa a perseguidor e Timpim, que era um simples capiau(caboclo), transforma-se em agente do bem, punindo Turíbio, que, ao que parece, só tinha razão no início da estória.

[5. Minha Gente]

- Personagens: narrador-personagem (cujo nome não sabemos), Tio Emílio (tio da narrador-personagem), Maria Irma (filha de tio Emílio), Santana (empregado do tio Emílio)

[(continuação de Minha Gente)]

- Síntese: O narrador-personagem vai visitar o tio Emílio e se entrega a uma série de recordações. Apaixona-se por Maria Irma que fica dizendo que ora está apaixonada e ora não está mais.
- O narrador-personagem conhece Armanda, filha de um fazendeiro vizinho, apaixona-se por ela e com ela se casa, descobrindo, assim, seu verdadeiro amor.

[(continuação de Minha Gente)]

- Interpretação: toda a estória e a trama são desenvolvidas como uma partida de xadrez(jogo predileto do narrador-personagem e do capiau Santana).Depois de vários “xeque-mates”, o narrador-personagem encontra a felicidade e o verdadeiro amor.

[6. São Marcos]

- Personagens: José (ou Izé, narrador de várias histórias, que não acredita em feitiços e acaba sendo vítima de um feitiço de João Mangolô), Sá Nhá Rita Preta e Aurísio Manquitola (amigos de José) e João Mangolô (negro feiticeiro)

[(continuação de São Marcos)]

- Síntese: José é um homem de muitas histórias e sempre disse que não acreditava em feitiços. Seus amigos lhe diziam para que não brincasse com o feiticeiro João Mangolô e não invocasse a Oração de São Marcos. Nos seus passeios de domingo, José provoca o feiticeiro e acaba ficando cego. Desesperado, José acaba usando a reza brava de São Marcos.

[(continuação de São Marcos)]

- José acaba indo parar na casa de Mangolô, a quem queria matar com fúria.
- O feiticeiro, no entanto, pede-lhe que não faça mal a ele, desfaz o feitiço e os dois “fazem as pazes”

[São Marcos]

- Interpretação: trata-se de um conto metalingüístico, uma vez que José responde às quadrinhas escritas com canivete no bambual. José e Mangolô, nos seus versos, discutem os princípios da criação poética.
- José fazia pouco caso dos feiticeiros e das crendices e precisou de ambos para voltar a enxergar.

[7. Corpo Fechado]

- Personagens: o narrador-personagem é um médico que está morando no arraial da Laginha, Manuel Fulô (protagonista), Targino (um valentão do arraial) e Maria-das-Dores (jovem por quem Fulô se apaixona).

[(Continuação de Corpo Fechado)]

- Síntese: Manuel Fulô contou muitas histórias para o narrador-personagem que vai recontando para nós, leitores, tais histórias. Manuel Fulô se apaixona por Das-Dores e fica noivo dela, mas é afrontado por Targino, valentão do lugar, que diz que vai dormir com ela e depois a devolveria. Fulô conta com a ajuda do curandeiro Antonico das Pedras ou Antonico das Águas que faz Fulô ter corpo fechado, enfrentando Targino.

[(continuação de Corpo Fechado)]

- Interpretação: a cumplicidade com a feitiçaria, adquirindo “corpo fechado” leva Manuel Fulô a ficar corajoso e enfrentar Targino. É como se Fulô conseguisse vencer o Demo.

[8. Conversa de Bois]

- Personagens: Manuel Timborna (narrador-observador que conta sobre os bois), seu interlocutor (alguém que escuta Timborna), mais um narrador (uma irara chamada Risoleta, que é uma ave), Agenor Soronho (condutor do carro de bois) e Tiãozinho (ajudante de Agenor)

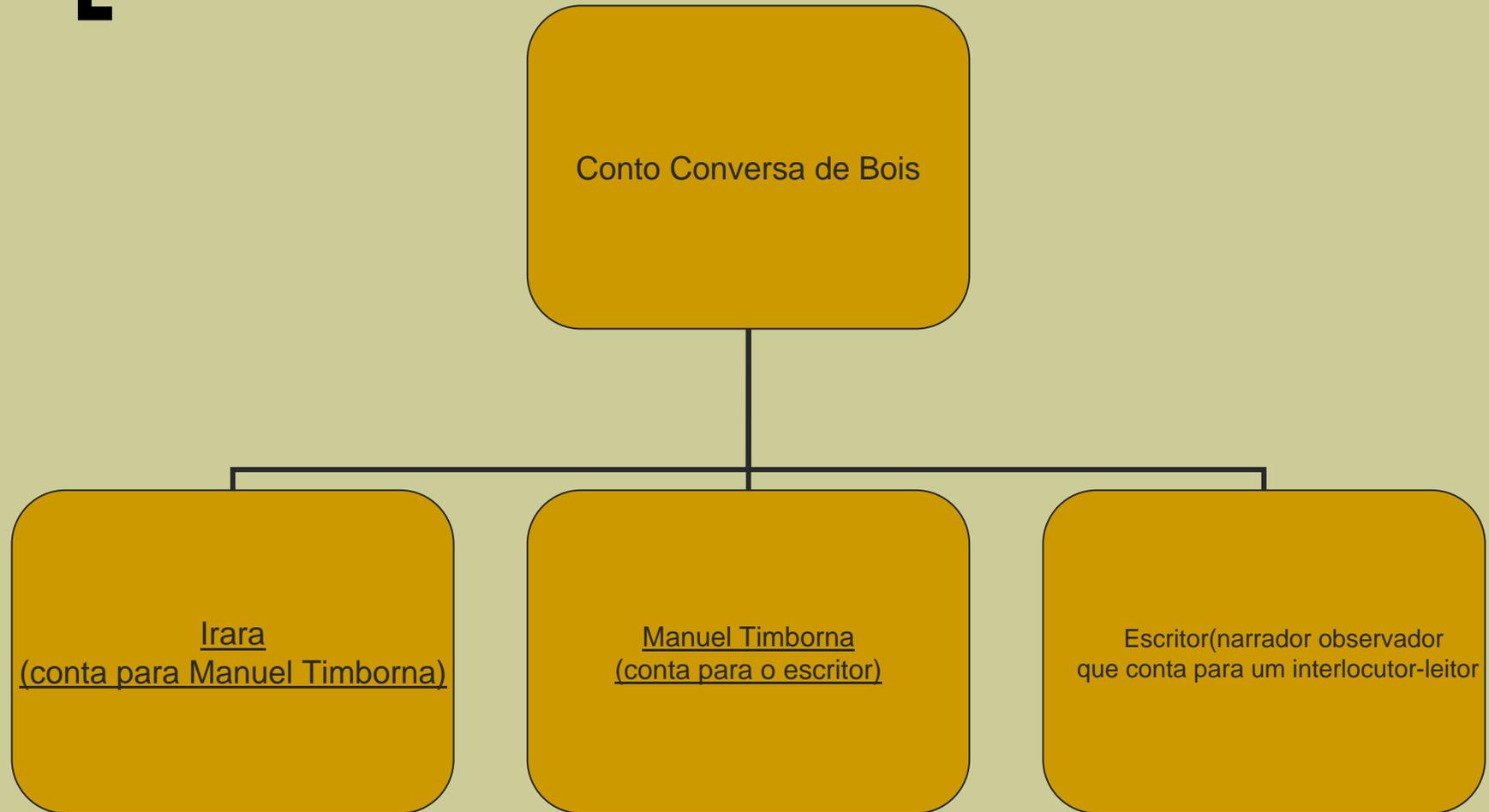
[(continuação de Conversa de Bois)]

- Síntese: um carro de bois com 4 parelhas é conduzido por Agenor e seu guia, o moleque Tiãozinho. O carro leva um defunto que é o pai de Tiãozinho.
- Os bois conversam e contam histórias tristes. Tiãozinho é também um menino muito triste e maltratado por Agenor.
- Os bois se cansam de Agenor e chacoalham o carro até ele cair e “desencarnar”. Tiãozinho continua a condução do carro de bois, carregando, agora, dois defuntos.

(Continuação de Conversa de Bois)

- Interpretação: de novo, o fraco vence o forte, o bem vence o mal, num caso em que a irara conta a história a Manuel Timborna, que a reconta ao escritor, que a repassa a nós. O carro de bois, assim, como Tiãozinho, também cumpre uma travessia.

Conversa de Bois- estrutura dos narradores



9.A Hora e a Vez de Augusto Matraga

- Personagens: Nhô Augusto(homem perverso), Dona Dionóra(sua esposa), Mimita(filha de dona Dionóra), Joãozinho Bem-Bem (líder de um bando de capangas)

(Continuação de A Hora e a Vez de Augusto Matraga)

- Síntese: Nhô Augusto Matraga é abandonado pela esposa e pela filha porque ninguém suporta viver com ele.
- Além disso, seus empregados o abandonam também provocados pelo Major Consilva. Augusto vai tirar satisfações e é atacado pelos antigos capangas que chegam a marcá-lo com o ferro do gado.

(Continuação A Hora e a Vez...)

- Matranga é encontrado por um casal negro que cuida dele e o adota.
- Matranga resolve se redimir e virar uma boa pessoa. O chefe de um bando de jagunços, Joãozinho Bem-Bem, tenta convencer Matranga a se reunir ao seu grupo, mas ele se lembra das sábias palavras de um padre que lhe disse que ele precisava ser bom: “Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua”

(Continuação de A Hora e a
Veza...)

- Depois de algum tempo, Augusto Matraga reencontra Joãozinho Bem-Bem e seu bando lutando. Joãozinho morre e a hora e a vez de Augusto Matraga também chegam.

(Continuação A Hora e a Veza...)

- Interpretação: equívoco, destino, acaso ou fatalidade – as travessias se encerram com a de Nhô Augusto que, de homem mal foi à redenção, e só encontra refúgio do bem e do mal na morte.